

ARTHENIZA W. ROCHA
LENI MARLI W. LOURENÇO

**A CAMPANHA
DO 11º CORPO AUXILIAR
DA BRIGADA MILITAR
SOB O COMANDO DE
JÚLIO RAFAEL
DE ARAGÃO BOZANO**

SANTA MARIA - RS
1981

Aos poucos amigos Prof. Arthur
cordialmente obrigado
Lúcia
Santa Cruz, maio/81

Aos nossos alunos dedicamos
o presente trabalho

As Autoras



O heroico e valoroso Tenente-coronel Dr. Julio Raphael de Aragão Bozano, Commandante do 11^o Corpo Auxiliar da Brigada Militar, morto covarde e trahiçoeiramente por emboscada, nas mattas de Ijuhy, no dia 30 de Dezembro, quando procurava reunir-se a seus commandados.

Foto constante do Relatório do Cap. Ulysses Coelho, em julho de 1925, ao Cel. Affonso Emilio Massot.

ÍNDICE

Dedicatória	
Introdução	9
1.º A Campanha do 11.º Corpo Auxiliar da Brigada Militar sob o comando de Júlio Rafael de Aragão Bozano	11
1.1 — Organização e 1.ºs episódios	11
1.2 — Os combates do Passo do Cassão e do Passo das Carretas	16
1.3 — O Passo da Cruz e a morte de Bozano	21
Considerações finais	23
Referências Bibliográficas	24

Com ele foram eleitos:

"Dr. Fortunato Loureiro para vice-intendente e os conselheiros Dr. Carlos Alberto Ribeiro Tacques, Lauro Oscar Domingues, Leonel Veríssimo da Fonseca, Francisco Dutra Villa, Alfredo Carvalho da Silva, Antonio Luis Müller, Pedro Ritzel Filho, pela situação e Guilherme Cassel, pela oposição". (1)

O Dr. Bozano somente tomou posse na Intendência Municipal a 15 de outubro de 1924, uma vez que, a 3 do mesmo mês, dia da posse solene do novo governo de Santa Maria, encontrava-se ausente, no comando de um Corpo provisório. Pouco tempo, porém, manteve-se a frente do executivo municipal, pois, já a 1.º de novembro de 1924, telegrama do Presidente do Estado, Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros determinava-lhe a organização de um corpo militar que teria a missão de cooperar na extinção de novos focos revolucionários, remanescentes da Revolução de 1923.

Com elementos vindos dos vários distritos de Santa Maria, a 4 de novembro formou-se o 11.º Corpo Auxiliar da Brigada Militar.

Um relato da campanha deste 11.º Corpo sob o comando de Bozano é o que se propõe o presente trabalho. Entende estar nesta campanha a consagração do jovem político Dr. Júlio Rafael de Aragão Bozano. Enfrentou ele quase dois meses de intensa mobilização militar em nome de uma luta política considerada válida pelo ideal maior a ser defendido e resguardado mas, que lhe arrebatou a vida precocemente, a 30 de dezembro de 1924.

Como fonte principal do presente estudo foi utilizado o Relatório apresentado em junho de 1925 pelo Capitão Ulysses Coelho, membro do 11.º Corpo, ao Cel. Affonso Emílio Massot, Comandante Geral da Brigada Militar.

Fazem parte do referido estudo dois mapas ilustrativos, um do Estado do Rio Grande do Sul e sua divisão administrativa em 1924 (mapa n.º1) e outro com o registro das batalhas travadas pelo 11.º Corpo e o local da morte de Bozano (mapa n.º2). (2)

Este trabalho não tem outra pretensão que a de oferecer contribuição no divulgar fatos históricos que guardam forças do passado. As cidades, para o cumprimento de suas funções, necessitam conhecer e valorizar estas forças.

São elas que asseguram a indispensável e coerente ligação entre o passado e o presente, o presente e o futuro e resguardam a continuidade de um desenvolvimento harmônico histórico e cultural.

1. A CAMPANHA DO 11.º CORPO AUXILIAR DA BRIGADA MILITAR SOB O COMANDO DE JÚLIO RAFAEL DE ARAGÃO BOZANO

1.1 Organização e primeiros episódios

Imediatamente após o recebimento do telegrama do Exmo. Sr. Presidente do Estado, iniciou o Dr. Bozano as demarches para a composição do que viria a ser chamado o "11.º Corpo Auxiliar da Brigada Militar".

Em pouco tempo, graças a adesão pronta e solidária, dos distritos, conseguiu o intendente Bozano organizar o Corpo com um efetivo de 321 homens.

Embora todos os distritos tenham enviado sua contribuição, coube a Arroio do Só e São Pedro, respectivamente 5.º e 3.º distritos de Santa Maria, a maior participação de voluntários.

Já no dia 6 de novembro, foi nomeado e organizado o Estado Maior que ficou assim constituído: Tte. Cel. Comandante: Dr. Júlio Rafael de Aragão Bozano; Major-Fiscal: Raul Soveral; Capitão-Ajudante: Ulysses Coelho; 2.º Tte. Quartel-Mestre: Edgard Colonna.

Os oficiais Combatentes ficaram assim distribuídos:

- 1.º Esquadrão: Armando Borges — Cap. Cmt.
João Cândido do Amaral
Antônio Ferreira Severo
David de Oliveira Domingues
- 2.º Esquadrão: Bento Ataíde do Prado — Cap. Cmt.
Orvalino José Bernardes
Mário Macedo Correia
Gélio Brinckmann
- 3.º Esquadrão: Cristiano Bohrer — Cap. Cmt.
Afonso Gonçalves Gomide
Ramão Delfino
Júlio de Oliveira
- 4.º Esquadrão: Octalício Rocha — Cap. Cmt.
Ulysses Penna
Assis Ferraz Machado
Waldomiro Soares

Seguiram como patriotas, com postos de oficial, os seguintes civis: Vicente Baldes, Dr. Mário Moratório e José Ladeira Lisboa.

A maioria dos demais componentes do 11.º Corpo Auxiliar da Brigada Militar eram pessoas inexperientes de atividades militares.

As vésperas de se por em movimento, precisamente no dia 8 de novembro de 1924, o Corpo recebeu, da Assistência do Material da Brigada Militar, o seguinte material:

“Armamento”:

Fuzis “Mauser”, modelo 1895	300
Sabre punhais com bainha	300
Varetas de aço	300
Bandoleiras	300
Cinturões de sola amarela	200
Cinturões pretos com suspensórios	200
Porta-sabres	198
Cobre-miras	300

Munição:

Cartuchos “Mauser”, 7 m/m	5.0000
	(³)”

De acordo com o Relatório do Capitão Ulysses Coelho, não houve problemas de disciplina dentro do 11.º Corpo, sendo ele mesmo que relata:

“A grande maioria do pessoal, estranhos a toda e qualquer disciplina, quer a disciplina do quartel, quer a educação civil, não seria de admirar que cometessem comumente faltas e pequenos delitos. Entretanto, sem rigor excessivo, e sem sair das normas comuns de castigo, tem-se mantido, com pequena discrepância, respeitadores das ordens de seus superiores, e também respeitadores de seus colegas de corporação.”(⁴)

Assim era o 11.º Corpo ao iniciar sua campanha no dia 9 de novembro de 1924, depois de ter recebido ordens do Sr. Presidente do Estado de seguir para o Jacuí, pela estrada de rodagem, afim de atacar revoltosos sob o comando do Capitão Távora.

Deveria dar cobertura e agir em combinação com uma Cia. do 1.º Batalhão da Brigada Militar e com o 12.º C. A. em organização.

Impedir, pois, a passagem dos rebeldes pela ponte de Santa Bárbara, constituiu-se no primeiro grande objetivo de atuação do 11.º Corpo. Saiu ele de Santa Maria às 23 horas do mesmo dia 9 de novembro, com sua força completa, homens, munição e cavalos.



A marcha até o Jacuí, foi feita com mais ou menos a metade do pessoal a cavalo e a outra metade a pé. Depois de atravessar o Passo das Tropas, o 11.º Corpo tomou a direção da direita, e, às 10 horas da manhã do dia 10 de novembro, o grupo que ia a cavalo acampou na Ponte de Santa Bárbara como havia ficado combinado com as autoridades superiores. Somente às 2 horas da tarde chegou o resto do 11.º Corpo. Foi neste primeiro acampamento que chegou um próprio de Cachoeira trazendo a notícia de que se havia travado um combate entre os revoltosos do Capitão Távora e componentes do 1.º Batalhão da Brigada Militar e do 12.º Corpo, ainda em organização, no lugar denominado Barro Vermelho e comunicando, também, a morte de um abnegado companheiro, o Dr. Baltazar de Ben.

Em vista das informações recebidas, o 11.º Corpo tomou rumo diferente, com a finalidade de impedir que os revoltosos, em debandada, se unissem às forças de Honório Lemes.

Saiu de Santa Bárbara às 3 horas da madrugada do dia 11 de novembro e foi acampar às 11,30 horas, do mesmo dia, no lugar denominando Chácara dos Eucaliptos, 3.º distrito do município de São Sepé. Neste acampamento houve, durante a tarde, visitas de chefes republicanos de São Sepé, oportunidade na qual revelaram preocupações frente às informações de que a vila estaria ameaçada de ser invadida pelos revoltosos de João Castelhana. Sob o comando do capitão Bento Prado, seguiu, então para São Sepé, um esquadrão de 130 homens, 30 a cavalo e o restante a pé. Durante todo o dia 12 de novembro as forças do 11.º Corpo percorreram o município de São Sepé a procura de revoltosos. Nos dias 13 e 14 de novembro continuaram as buscas, chegando parte do 11.º Corpo ao município de Caçapava, onde acampou a meia légua da cidade, às 17 horas do dia 14. Diz o Relatório do Capitão Ulysses Coelho que no dia 15, sábado, não houve nenhum incidente. As ocorrências foram só agradáveis, porque as Exmas famílias republicanas visitaram o acampamento, confraternizando com os componentes do 11.º Corpo. No dia 16 de novembro, às 2 horas da madrugada, incorporou-se o restante do 11.º Corpo, comunicando ter batido, no percurso o grupo rebelde chefiado por Laurindo Costa.

Ainda no dia 16 correu a informação de estar João Castelhana acampado no Passo dos Sousas, 2.º distrito do município de São Sepé. Isto determinou movimentação do 11.º Corpo nesta direção.

Durante os dias 17, 18 e 19 de novembro o 11.º Corpo procurou os revoltosos, sempre atentos às notícias de que os de Cachoeira e os de João Castelhana buscavam junção com as

forças de Honório Lemes. Ante a perspectiva de encontrá-los na Cerca de Pedra, município de São Gabriel, naquela direção seguiu o 11.º Corpo no dia 19.

Muito logo, porém, mudou de rumo, pois veio notícia confirmada de que, realmente, João Castelhamo havia ocupado a vila de São Sepé. As forças do 11.º Corpo tomaram, então, a direção de São Sepé, provocando a fuga do chefe revoltoso. Conseguiram, na batida aos fugitivos, algumas vitórias, entre elas, a tomada de 12 cavalos ensilhados. No dia 21 de novembro, deu-se novo encontro entre forças do 11.º Corpo e um grupo de revoltosos sob a chefia de Martins Lemos, homem de João Castelhamo, célebre por sua crueldade e pelos seus saques. Do encontro resultou a completa debandada do inimigo, mas resultou na morte do segundo Sargento do 11.º Corpo, Manuel Ayres da Siqueira.

Novo tiroteio ocorreu a 24 de novembro e a perseguição aos revoltosos continuou durante os dias seguintes. Foi quando chegou, dia 29 de novembro, um pedido de auxílio de Lavras. O Dr. Bozano passou, então, a insistir ao Gal. Andrade Neves, autorização para ataques mais efetivos aos rebeldes.

No dia 4 de dezembro, o 11.º Corpo acampou no Passo dos Enforcados, município de Lavras, onde encontrou vestígios de ter sido esse passo acampamento recente de uma força. Aí pernitoou o Corpo, saindo no dia seguinte, 5 de dezembro, no rastro do inimigo, passando ao município de Bagé.

1.2. OS COMBATES DO PASSO DO CASSÃO E DO PASSO DAS CARRETAS.

O combate do Passo do Cassão foi iniciado às 10 horas do dia 5 de dezembro. No telegrama n.º 13, do comandante do 11.º Corpo, ao comandante da região, Dr. Bozano, registra, com detalhes, a ocorrência. Assim se expressa:

"Ontem, às 17 horas, acampel no Passo dos Enforcados, donde a coluna de Honório Lemes partira às 10 horas. Alta madrugada hoje em marcha forçada vim no rastro da coluna rebelde direção Passo Cassão, que vadeei vindo surpreender Honório acampado meia légua distante na estrada do Passo do Velhaco em posição fortíssima.

Basta declarar que para descer as vertentes em que a coluna rebelde estava colocada só consegui fazer pelo friso da serra por vae a estrada e que não dá passagem para mais de dois homens lado a lado. Cortando as sentinelas da coluna de Honório rapidamente desci sobre as posições ocupadas por ela.

Foi indescritível o pânico dos masorqueiros, ou já a inépcia vai a tal ponto que as cinco linhas de fogo que formaram o fizeram em condições tão desvantajosas que as aniquilamos a pata de cavalo, tomando até os carregadores dos fuzis metralhadoras que eles empregaram sem sucesso. Fugindo o grosso dos rebeldes pelas desfiladeiras da serra em direção ao Passo do Velhaco, procurou Honório, incorporação com Zeca Neto, acampado meia légua distante, no Rincão do Inferno.

De perto, continuando a perseguição no Velhaco e na casa de José Antônio Luis e, depois no Rincão do Inferno tentaram masorqueiros resistência, que foi vencida pelas nossas forças, com insuperável galhardia.

Neste momento, 16 horas, capitão Ulisses Coelho com 100 homens perseguem os dois generais da masorca que galopam em direção ao Cerro Chato. Tivemos até agora um soldado morto e um ferido, tendo verificado já oito mortos do inimigo, suponho eu no entanto que cresça de muito em vista dos cavalos ensilhados que tomamos, em número de 43, reunidos até agora. Tomamos mais de 400 cavalos, mais de sessenta armas, dois mil e trezentos tiros, oito espadas de oficiais, enorme quantidade de apetrechos de rancho, binóculos de campanha, barracas, inclusive a de Honório Lemes, grande quantidade de arreios, notas de vendas de couros e o correspondente dinheiro e grande quantidade de proclamações assinadas por Zeca Neto e um tal general Olinto de Mesquita e dirigida à classe e ao povo do Rio Grande.

Honório e Zeca Neto não tem mais que quatrocentos homens, sem resistência, ressabiados. Ainda agora meus piquetes estão batendo os matos circunvizinhos donde de momento a momento me chega o eco de tiros. Grupos em debandada seguiram rumo de Bolena, alguns a cavalo e a maior parte a pé. Hoje mesmo continuarei a marcha perseguição masorqueiros. Décimo primeiro corpo auxiliar jubiloso pelo feito em defesa da ordem legal teve oportunidade praticar, congratula-se com V. Excia a quem vivamente saúdo.

Atenciosas saudações. Aragão Bozano. Tte. Cel." (5)

A partir desta vitória alcançada, as forças do 11.º Corpo não mais deram descanso aos rebeldes. No dia 6 de dezembro mesmo, reiniciaram a perseguição, sempre espalhando homens pelos matos a fim de descobrirem o que restava do inimigo, quer mortos, estraviados ou feridos.

Seguiram pelo Passo do Velhaco, atravessaram o Passo do Libindo, sestearam na fazenda de Coroliano Castro e, pas-

sando pelo Moinho, foram pernoitar no Passo do Pessegueiro, Serro do Saco, às 21 horas do mesmo dia 6 de dezembro.

Durante o dia 7 de dezembro continuou a perseguição ao inimigo, tomando conhecimento Bozano de que, mais 11 rebeldes haviam morrido perfazendo o total de 19. Na oportunidade caiu em poder do 11.º Corpo um prisioneiro que relatou a deserção que estava se registrando na coluna de Honório Lemes. Informou, também, que os revolucionários continuavam próximos a fronteira, em Bagé, a fim de receberem munição que Juarez Távora fora adquirir.

No dia 8 de dezembro, pela estrada de Sant'Ana da Boa Vista, chegaram ao Passo das Carretas onde estavam Zeca Neto e Honório Lemes. Neste passo deixaram os dois chefes revolucionários 200 homens entrincheirados, na confiança de que era intransponível, e permitiria, aos rebeldes, seguirem mais vagarosamente sem serem molestados pela perseguição do 11.º Corpo.

A 500 metros do passo, porém, havia uma estrada que vinha ao vão, pela esquerda e a da direita ia ao porto de nado.

A vanguarda do 11.º Corpo avançou pela direita, chegando a praia e iniciando forte tiroteio com os rebeldes.

O inimigo abandonou, então, a posição ocupada, sendo perseguido constantemente pelas forças do 11.º Corpo.

A perseguição aos dois generais foi tão intensa, que em alguns lugares houve encontros de corpo a corpo.

Os componentes do 11.º Corpo portaram-se com tal galhardia, que houve promoções e elogios. A morte do capitão civil José Ladeira Lisboa foi considerada perda inestimável, pois seus atos de heroísmo criaram condições de vitórias no combate do Passo das Carretas, ocorrida a 8 de dezembro. Depois do sepultamento do Capitão Ladeira, continuaram as perseguições. No dia 13 de dezembro chegaram a Aceguá, por onde haviam passado, horas antes, para o Uruguai Zeca Neto e Honório Lemes. Em Bagé, o 11.º Corpo recebeu ordem de seguir para Jaguari. Ai chegando, a 20 de dezembro, permaneceu até o dia 23, quando recebeu nova missão — seguir para Cruz-Alta, onde deveria prestar serviços, uma vez que a região estava convulsionada pela rebeldia do Capitão Luiz Carlos Prestes.

RIO GRANDE DO SUL



---- TRAJETO
 ✕ COMBATES
 † EMBOSCADA DR. BOZANO

MAPA: 2

1.3 O PASSO DA CRUZ E A MORTE DE BOZANO.

A chegada a Cruz Alta deu-se no dia 24 de dezembro às 8 horas e meia. Na mesma oportunidade, o 1.º esquadrão do 11.º Corpo já permaneceu na estação a fim de seguir, em trem de tabela, para Santa Bárbara. Os demais esquadrões, o 2.º, o 3.º e o 4.º, ficaram alojados no quartel do 8.º Regimento. No mesmo dia, porém, o Comandante Monteiro de Barros, após conferência com Bozano e colher informações sobre n.º de praças, armas e munições do 11.º Corpo, determinou a imediata partida, para Ijuí, dos demais 3 esquadrões.

Ainda no mesmo dia 24 de dezembro, o 11.º Corpo chegou a Ijuí ficando o 3.º esquadrão e o Estado Maior sediados no prédio onde foi a Igreja Sabatista e o 2.º e 4.º, esquadrões seguiram, respectivamente, para Rio Branco e Santa Tereza.

Os dias seguintes ocorreram sem incidentes. No dia 28 de dezembro, atendendo ordens do General Monteiro de Barros, seguiu o 3.º esquadrão para o Passo da Cruz, no Arroio Conceição sob o comando do Major Raul Soveral, a fim de enfrentar os revoltosos do Capitão Luiz Carlos Prestes.

No dia 30 de dezembro, iniciou um tiroteio da vanguarda do 3.º esquadrão o que determinou rápidas formações bélicas ordenadas pelo major Raul Soveral.

É o próprio Ulysses Coelho, como participante deste momento histórico, quem relata os principais episódios a partir da ação do capitão comandante:

"... tendo o major Raul Soveral ido a primeira coxilha, para cientificar-se do tiroteio, voltou quando eu sala com 30 homens, mandou que eu tomasse a esquerda que o inimigo vinha perto e em número avultado.

Nessa ocasião mandei 10 homens acompanhar o capitão médico Antonio Xavier da Rocha para fazerem ligação com a vanguarda.

Na segunda coxilha avistei uma cavallhada e apressei o mais possível para tomar posição, nesse momento chegou o meu cavalo e fui pessoalmente reconhecer e verifiquei que era nossa cavallhada que vinha chegando, perseguida pelo inimigo ..." (6)

E assim permaneceu o 3.º esquadrão do 11.º Corpo durante 4 horas mais ou menos, ora recuando, ora avançando. Os homens eram poucos, muitos até desarmados, e nas linhas inimigas, era rápido o reforço após cada tiroteio.

A medida que os combatentes do 11.º Corpo caíam feridos eram mandados para Ijuí. Numa das vezes, foi necessário o acompanhamento do médico Antônio Xavier da Rocha.

O Capitão Ulysses Coelho continuou enfrentando os rebeldes tendo inclusive o seu cavalo sido morto a 5 tiros.

Conhecedor de que o Major Raul Soveral já se havia retirado, determinou, por falta de munições e outras condições, que houvesse retirada em ordem, até o Passo.

É o próprio Ulysses Coelho quem conta:

"Retirando do Passo uns 300 metros recebemos fogo do flanco esquerdo e da retaguarda e fomos atacados de frente na mesma estrada, sendo que aí fui ferido. Pendendo a direita, por uma roça, recebi fogo pelo flanco direito.

Mandei os 2.^{os} tenentes Vicente e Waldomiro com duas esquadras atenderem o ataque de frente e ao 2.^o tenente Severo que ficou na retaguarda, mandei atender o ataque da esquerda, com ordem de poupar o mais possível munição que tenham alguns atiradores, no máximo vinte tiros cada um. Na frente eu e o Dr. Moratório fomos mantendo a linha. Depois de entrarmos na roça, uns 200 metros mais ou menos, foi ferido Lauro. As 4 e meia horas da tarde chegamos a linha 6 sem mais novidades. Aí tivemos a dolorosa notícia que o Comandante Dr. Aragão Bozano fora morto, covarde e traiçoeiramente, por emboscada." (7)

Bozano retornava de Ijuí e ao tomar conhecimento da luta que se travava partira, imediatamente, para o Passo da Cruz.

Antes mesmo de poder atuar foi atacado de emboscada, pelos revoltosos, morrendo instantaneamente, atingido na testa por tiro certeiro.

Morte injusta e morte prematura para quem, com invulgar coragem, enfrentou sempre as lutas e os combates.

O corpo do comandante foi velado durante os dias 30 e 31 de Dezembro na Sala de Honra da Intendência Municipal de Ijuí. Os esquadrões, reunidos nesta vila, prestaram a última homenagem ao seu valoroso comandante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No dia 30 de Dezembro de 1924, em Santa Maria, a rua do Comércio passou a denominar-se Dr. Bozano, por ato n.º 48 do vice-intendente Fortunato Loureiro. E como tal continua até hoje, evidenciando a compreensão das lideranças políticas municipais na conservação de um nome que é um patrimônio cívico da cidade.

As cidades são edificadas pelo homem. Contam, portanto, o seu passado e o seu presente. Nas suas origens e transformações elas revelam a força criadora de seus Homens, a crença em suas instituições e participação consciente do povo no processo do desenvolvimento histórico.

Interpretar esse processo histórico, permitindo que nele tomem parte as gerações que se sucedem, é abrir perspectivas, é construir o futuro. É tarefa tão importante quanto aquelas que realizam urbanistas e arquitetos, sanitaristas, administradores e planejadores. Essa tarefa compete à História.

"A história que responde a questão que o homem de hoje necessariamente formula. Explicação de situações complicadas, em meio das quais ele se debaterá, menos cegamente, se conhecer a sua origem. Lembrança de soluções que foram as do passado, e que, não poderiam ser de modo algum, as do presente. Mas compreender realmente em que o passado difere do presente — que escola de sutileza não será isso para o homem impregnado de história".
(8).

Porque é:

"A história que compreende e faz compreender. A que não é apenas uma lição que deve ser ensinada cada manhã, devotamente — mas sim uma condição permanente de atmosfera". (9)

Santa Maria guarda a História do 11.º Corpo Auxiliar da Brigada Militar e de seu valoroso comandante. A denominação de "rua Dr. Bozano" dá disso testemunho. É a evidência de um propósito definido: extrair da História os elementos capazes de enriquecer a sua estrutura regional e cívica, ao valorizar e estimular imprescindíveis ligações com o passado. A duplicação de forças que a investigação do passado permite ao restituir o sentido secreto dos destinos humanos, representa, assim recompensa gratificante aos que buscam, na História, as lições que ela é capaz de oferecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) BELTRÃO, Romeu. *Cronologia Histórica de Santa Maria e do Extinto Município de São Martinho* — Santa Maria, Pallotti, 1958.
- (2) Os mapas n.º 1 e n.º 2 são trabalhos do acadêmico do Curso de História da UFSM, Francisco Olavo Leão Dias, e foram extraídos das seguintes fontes: mapa n.º 1 — IGRA — Evolução administrativa do Rio Grande do Sul mapa n.º 2 — Relatório do Capitão Ulysses Coelho sobre o 11.º Corpo Auxiliar da Brigada Militar.
- (3) COELHO, Ulysses. *11.º Corpo Auxiliar da Brigada Militar* Relatório Quartel de Santa Maria 4 junho 1925 pp. 1 e 2.
- (4) Id. *ibid.* p. 4.
- (5) Id. *ibid.* pp. 17, 18 e 19
- (6) Id. *ibid.* p. 25
- (7) Id. *ibid.* pp. 26 e 27
- (8) Ap. MOTA, Carlos Guilherme e FERNANDES, Florestan. In: *FEBVRE — História*. São Paulo, Ática, 1978 p. 181
- (9) Id. *ibid.* p. 181

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. ARAUJO, Carlos Horácio e BARRETO, Fernando. *Album dos Bandoleiros. Revolução Sul Rio-Grandense 1923* — Porto Alegre. Barreto Araujo Ed., 1923.
2. BECKER, Klaus et alli. *Enciclopédia Rio-Grandense* — 1.º volume. Rio Grande Antigo. Livraria Sulina Ed. P. Alegre e La Salle Ed. Canoas 1968.
3. BELEM, João. *História do Município de Santa Maria* — P. Alegre, Selbach, 1933.
4. BELTRÃO, Romeu. *Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho* — Santa Maria, Pallotti, 1958.
5. COELHO, Ulysses. *11.º Corpo Auxiliar da Brigada Militar* — *Relatório*. Quartel de Santa Maria 4 junho 1925
6. DIAS FERREIRA, S. *A marcha da Coluna Prestes* — Pelotas, Ed. Globo, 1928.
7. FERREIRA F.º, Arthur. *História Geral do Rio Grande do Sul* — Porto Alegre, Globo, 1958
8. ———. *História da Revolução de 1923*. Porto Alegre, oficinas gráficas do Depto. da Imprensa Oficial do Estado, 1973.
9. LOPES F.º Ildelfonso Simões. *A Revolução Gaúcha e as suas causas* — P. Alegre, Globo, 1923.



IMPRESA UNIVERSITARIA/UFSC